

RELAÇÃO CAMPO-CIDADE: interfaces do município de Carambeí -PR.

Layane de Souza Onofre¹
Celbo Antonio Ramos da Fonseca Rosas²

Resumo

A formação territorial do município de Carambeí é um leque construído a partir da realidade socioeconômica da ação empreendedora e participação de diferentes grupos étnicos, que criou um rico patrimônio cultural, resultado da mescla e de sua elaboração a partir da realidade brasileira. Elementos políticos, econômicos e sociais são ao mesmo tempo incentivadores, mas ofuscados na hierarquização de uma cultura. Essa miscigenação originou um lugar com identidades espaciais, com relações de poder espacializadas, onde é visível a finalidade de defender seus modos de vida, enquanto práticas e hábitos, todavia privilégios de inclusão e exclusão são fundamentados no cotidiano. São tradições de riquezas materiais e imateriais vistos nas expressões sociais, que fortalecem as identidades individuais e/ou de um grupo. As apropriações e usos criam lugares específicos, particulares, espaços de vivência em constante movimento e ressignificações. Contudo, são implicações fundamentadas na correlação do processo de formação de Carambeí e discussões sobre o campo e a cidade.

Palavras-chave: Carambeí, Campo-cidade, Território.

Introdução:

Carambeí é um município no estado do Paraná, foi inicialmente uma área de criação de gado, só foi efetivamente povoado no século XVIII por portugueses e luso-brasileiros. Suas terras pertenciam inicialmente às Sesmarias em forma de fazendas. Posteriormente, através da Brazil Railway Company incentivou a vinda de alemães, já que a intenção era fazer dessas terras moradas dos mesmos, porém em 1911 chegaram três holandeses, incentivados por esse mesmo plano de colonização. Ofertavam trabalho, além de área para plantio e gado. Era uma oferta tentadora, já que na primeira colônia “Gonçalves Júnior” em Irati – PR, que os holandeses se instalaram não obtiveram terras produtivas, estavam infestadas por animais peçonhentos e, infelizmente, muitas mulheres morreram.

No que viria a ser Carambeí já se encontravam os alemães e mais tardar italianos, poloneses e indonésios. Respectivos povos europeus que aderiram as ofertas de terras visando uma melhora de vida, mas em pequena quantidade. Cabe ressaltar o momento histórico

¹ Universidade Estadual de Ponta Grossa; layanesonofre@gmail.com

² Universidade Estadual de Ponta Grossa; celboantonio@yahoo.com.br

agravante de Primeira Guerra Mundial, que fomentou a vinda dessas culturas europeias ao Brasil.

A despeito desse processo de povoamento, os holandeses impulsionaram a vinda de seus conterrâneos para a nova moradia, assim, a predominância holandesa foi se fortificando. Apropriaram-se da própria natureza, inseriram suas práticas, valores e representações. É nesse âmbito que o presente texto se elabora, na formação de um município, habitado por diferentes etnias, desbravadores e transformadores do rural em urbano, com atividades ainda existentes que vinculam a relação campo-cidade.

A relevância dessa temática consiste na análise das transformações do espaço, em meio ao campo e a cidade, que fomentam as expressões de ruralidade e urbanidade, de reprodução das sociedades, que incluem um leque étnico, decorrentes de um mesmo processo de formação. Assim, o trabalho é estruturado com aspectos históricos e geográficos do município, fundamentado em aspectos culturais, econômicos e na relação campo-cidade, com expressões do rural e do urbano.

Processo de formação do município e a relação campo-cidade:

Carambeí não é uma Holanda incrustada em solo brasileiro. Tampouco é um pedaço de Brasil cedido aos holandeses. Ao longo desses primeiros cem anos de existência, ela foi construída a partir da realidade socioeconômica brasileira, constituiu-se com a ação empreendedora holandesa e contou com a colaboração de outros grupos étnicos. Foi assim que se forjou em Carambeí um rico patrimônio cultural, resultado da mescla de diversas matrizes e de sua elaboração a partir da realidade brasileira. (CHAVES, 2010.p. 5).

A cidade de Carambeí possui uma realidade peculiar e ao menos tempo comum com as histórias de formações de municípios através de imigrantes, especialmente europeus. A inserção de etnias externas relaciona-se com políticas de incentivo à exploração, realidade essa do território brasileiro, que por anos incentivou e auxiliou esses imigrantes, desempenharam características próprias e marcantes na história, junto com o modo de vida brasileiro.

Ao especificar o processo histórico de formação de Carambeí, temos inicialmente uma ocupação construída a partir de estratégias de necessidade do Estado. Lopes (2004) nos apresenta que as terras da antiga fazenda *Carambehy* foram pertencentes a sesmaria de Pedro Taques de Almeida no século XVIII. Desde o fim do século XIX e início do século XX a

construção de ferrovias foi um elemento predominante na formação de municípios a margem de seus trilhos.

Na antiga colônia, havia uma companhia (Brazil Railway Company) assentando colonos em boas terras, além de trabalho na construção da linha Ponta Grossa-Castro. Essas ofertas expandiram para outros países e por volta de 1911 três famílias de colonos holandeses, que haviam tentado se fixar na colônia Gonçalves Júnior em Irati – PR, viram nessa atual fazenda uma melhoria, pois na primeira tentativa, encontraram muitos empecilhos e até morte de várias mulheres, o que fez muitos imigrantes recém-chegados voltarem ao país de origem. “Para aquelas três famílias acima mencionadas (com efeito, Jan Vriesman, Leendert e Jan Verschoor) a oferta da Brazil Railway era interessante”. (SATO, 2008, p.43).

Esses colonos que trabalhavam na construção da ferrovia, receberam vacas para a produção de leite e derivados, sementes para a agricultura, fortalecendo o permanecimento na colônia. Ao passar dos anos, novas famílias chegavam motivadas por aquelas que aqui estavam. Com o aumento desses colonos a própria Companhia instala a primeira fábrica de laticínios para atendê-los e bem como facilitar a comercialização dos produtos feitos por eles.

Como todos ganhavam vacas leiteiras, era comum a fabricação e comercialização de leite e queijo, entretanto houve uma saturação na produção e conseqüentemente a perda de dinheiro. Foi quando dois colonos resolveram se unir e criar uma firma, que posteriormente seria uma cooperativa. Em 1925 surge a Sociedade Cooperativa Holandesa de Laticínios, a primeira cooperativa no Brasil. Em 1941 passou a se chamar Cooperativa Mista Batavo Ltda, reconhecida nacionalmente por Batavo. O município se desenvolveu através desse sistema cooperativista, sendo o cooperativismo uma ramificação do tripé, que agrega também a educação e religião. Características marcantes dos holandeses.

Ao fazer esse resgate histórico nota-se a colonização predominante dos holandeses, que incentivavam a construção de uma pequena Holanda em terras brasileiras, inter-relacionando o elemento natural físico com transformações sociais, apropriações, representações e costumes materializados no espaço.

O processo de apropriação e produção do espaço geográfico é constituído pelo movimento histórico e por simultaneidades. Há um movimento constante que se materializa na vida cotidiano e no espaço, centrado na intersecção entre os tempos histórico e coexistente. O espaço é resultado de relações históricas e escalares, em que há uma conjugação entre aspectos da economia, política, cultura e da natureza exterior ao homem (E-P-C-N). Este espaço está contido no território e é condição para a reprodução territorial. (SAQUET, 2005, p.13882).

Essa imigração europeia para Carambeí, especialmente a holandesa, torna-se pioneira para a fundação da cooperativa de laticínios Batavo e do que viria a se tornar o município, pela sua importância econômica. Esse desenvolvimento econômico está atrelado a emancipação política de Carambeí do território de Castro.

A evolução econômica autóctone de Carambeí, através de sua cooperativa de produção e do trabalho de seu povo, tornou possível o seu processo de emancipação política do território de Castro, que culminou em 13 de dezembro de 1995, com a criação do atual município de Carambeí”. (SATO, 2008, p.55).

A Cooperativa da qual desencadeou a emancipação política-administrativa de Carambeí, foi ao longo dos anos sendo vendida a corporações maiores, resultando em fusões empresariais. Após várias inclusões a outros grupos, hoje a marca Batavo pertence a maior empresa do setor de leite e derivados do mundo, a francesa Lactalis. Em 2011 a antiga cooperativa (no que podemos distinguir) retoma a industrialização, inaugurando a Central de Processamento de Leite Frísia, que em 2014 insere na sua linha de produção a área de trigo e suínos. Essa Central de Processamento era gerada pela Batavo Cooperativa Agroindustrial que decide mudar seu nome para Frísia Cooperativa Agroindustrial, empresa cuja a sede é no município de Carambeí.

É por meio da Cooperativa que estabelecemos a relação campo-cidade, enquanto um elo que se propaga (ou) ao longo do tempo. Assim, a relação espaço-tempo é crucial na compreensão do território vivido. Iniciamos com as considerações sobre campo-cidade, assim como rural-urbano e partiremos às abordagens do território, atrelado a espaço, conceitos-chave da Geografia.

A relação campo-cidade da realidade de Carambeí foi inicialmente abordada através das características do passado, na construção de uma antiga colônia, que por meio do seu desenvolvimento econômico a uma cooperativa, levou a condição de cidade, desmembrando da cidade de Castro. Assim, esse processo histórico nos permite correlacionar com aquilo que Willians (2011) descreveu em sua literatura “o campo e a cidade são realidades históricas em transformação tanto em si próprias quanto em suas inter-relações”. (WILLIANS, 2011, 471).

As cidades surgem de pequenas concentrações de famílias, essas podendo possuir a mesma pátria ou não, e até mesmo da mesma pátria, mas com costumes diferentes. A cidade se solidifica nessas amarrações interpessoais, em relações sociais, econômicas e políticas.

[...] a cidade, conceituada como um organismo, dotada, portanto, de vida: uma estrutura complexa, suportando uma infinidade de atividades que a transformam constantemente. Para retratar essa realidade dinâmica, é preciso buscar sua compreensão, diagnosticando e prognosticando, estabelecendo uma simplificação suficiente de seus elementos componentes, a fim de estabelecer, tentativamente, quais elementos são predominantes, significativos, substantivos. (WILHEIM, 1976, p. 57.)

As concepções de cidade vêm para elucidar as questões do campo, até mesmo porque a Geografia compreende esse complexo de relações e interações. A relação campo-cidade se transformou ao longo da história. Essas modificações são essência para diversos autores, cujas bases epistemológicas muitas vezes se opõem. As mudanças, ditas no Brasil, a partir do processo de industrialização e conseqüente urbanização, causaram conseqüências positivas e negativas nessa relação campo-cidade abarcando aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos.

Com esse exposto, traçaremos uma linha do tempo, para entender o que é campo e o que é cidade, através de perspectivas que se convergem ao mesmo tempo em que se interagem. Tendo em mente que não são perspectivas inquestionáveis. As mesmas foram pensadas em espaços e tempos diferentes. Essa análise remete a Lefebvre (1991), através de bases materialistas a distinção entre campo e cidade a partir da divisão social do trabalho, cada local concentraria uma produção, visto que o campo proporcionaria o alimento e a cidade as fábricas, de acordo com a época. Segundo Lefebvre

O campo, ao mesmo tempo realidade prática e representação, vai trazer as imagens da natureza, do ser, do original. A cidade vai trazer as imagens do esforço, da vontade, da subjetividade, da reflexão, sem que essas representações se alastrem de atividades reais. Dessas imagens confrontadas irão nascer grandes simbolismos. (LEFEBVRE, 2011, p. 36).

Visto assim, para o autor, que campo e cidade estão presente no imaginário, ficando muitas vezes nas representações que não se sustentam no real, denotada por ideias iniciais contraditórias. Nenhum dos dois conceitos são puros e sim criados de acordo com as dinâmicas territoriais. Foram nos anos 50 e 60 que os estudos sobre a temática se intensificaram. Era notável a dicotomia entre campo e cidade e para muitos autores eram conceitos distintos. De forma que o campo era o que não é a cidade. Se partia de uma compreensão da cidade e posteriormente ao campo. Tanto que para o IBGE cidade é concentração de indivíduos (dentre demais categorias) e campo é o elemento que não tem classificação.

Uma das perspectivas existentes sobre o campo e a cidade denotam de autores que tem a cidade como pano de fundo, são exemplos Lefebvre (2001) e Milton Santos “pois a cidade constitui uma forma particular de organização do espaço, uma paisagem e, por outro lado, preside as relações de um espaço maior, em seu derredor, que é a sua zona de influência”. (SANTOS, 1959, p. 07). São visões do espaço amplamente difundido pelas cidades, pelos centros do poder. As cidades são vistas aqui como ponto central, que exerce influência no seu entorno.

Descentrando das concepções em torno da cidade, mas compreendida enquanto elemento conexo, elucidaremos o campo enquanto “esse conjunto dinâmico e diverso de processos, conflitos e objetos materializados no espaço rural”. (FAJARDO, 2015, p.39). É preciso uma breve explicação sobre urbano e rural, vistos como similares a cidade e campo respectivamente. Entretanto, urbano e rural dizem respeito a formas singulares, representações sociais que caracterizam determinado espaço, seja ele uma cidade e/ou campo. São representações ligadas aos costumes, modos de viver. Já campo e cidade são delimitações específicas, uma forma concreta. São maneiras viver que modificam ao passar dos anos, não necessariamente fixas e impossíveis de se transformarem, mas se dinamizando, mesmo com influências externas.

Pode compreender o rural e o urbano como expressão material do espaço, a construção e transformação da paisagem através das formas, estruturas, funções e processos. (SANTOS, 1988).

O campo e a cidade são realidades históricas em transformação tanto em si próprias quanto em suas inter-relações. Temos uma experiência social concreta não apenas do campo e da cidade, em suas formas mais singulares, como também de muitos tipos de organizações sociais e físicas intermediárias e novas. (WILLIANS, 2011, p.471).

A cidade se alimenta do campo e o campo produz aquilo que a cidade consome de alimentação, porém essa realidade é maior e transpassa aquelas divisões do trabalho. Hoje, contudo, existe uma dependência mútua, mas a cidade concentra o poder político, o comércio e o campo já conta com atividades de lazer e complexos agroindustriais (CAIs). Essas novas alternativas inseridas no campo, o transformou em um lugar não visto mais como arcaico, atrasado, e sim, detentor de atrativos financeiros. O contraste de campo e cidade, não pode se

fomentar em reduções a formas e imagens, seu valor não é mensurável comparando-o com a cidade, mas pondo em amarrações que valorizem suas especificidades.

Com a finalidade de aproximar a teoria com a prática (práxis), faz-se necessário apresentar e relacionar as dimensões e enfoques de campo e cidade, pelo viés social, econômico, político e cultural. Por fazer jus a uma ampla compreensão, não fechada, mas aberta, passível a modificações, interligadas ao processo de construção do espaço. A dimensão social na configuração campo e cidade, é compatível ao conceito de espaço para a Geografia, por possuir uma gama de significados e abarcar todos os outros conceitos. O social compete as relações humanas construídas e que constroem o campo e a cidade, em respectivos espaços/tempos, “pois as transformações dos espaços ocorrem através dos direcionamentos e interesses sociais”. (ROSAS, 2015, p. 122).

O econômico permeia todas as dimensões, assim como o social, vigente no modo de produção capitalista, atrelado ao espaço e território, de acordo com quem o detém, respeitando seus níveis de apropriação. Todos necessitam do econômico para viver e/ou sobreviver. O enfoque político diz respeito as divisões administrativas, cabe a ela o ordenamento territorial, atingindo níveis abstratos.

As implicações políticas também estão interligadas com as construções ideológicas e com as relações de conflitualidade em busca de poder na construção territorial. A constante luta pelo poder em diversos níveis reflete a busca constante pela representação e acesso a recursos em âmbito local, caracterizando símbolos no cerne das sociedades”. (ROSAS, 2015, p.122).

Já o enfoque cultural, trata das representações materiais e imateriais presentes no espaço, a tudo que remete pertencimento, reconhecimento, denota um sentimento de acolhimento, de sentir-se em casa. Uma cultura passada de gerações, mas o modo como é transmitida e preservada deve-se ter cuidado. Nenhuma cultura continuará “intocável” ou imutável, ela agregará costumes de outras, ao que Canclini (2003) entende por hibridação os “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. (CANCLINI, 2003, p. XIX).

Essas sustentações teóricas são vistas na realidade carambeiense, onde uma mesma cultura é “preservada” há mais de uma década, consiste na amarração prática de todos esses enfoques, concebendo atividades socioeconômicas empreendedoras, diferentes grupos étnicos,

relações de poder espacializadas, sendo visível a finalidade de defender seus modos de vida, predispostos em inclusão e exclusão. Tanto campo quanto a cidade são expressões das dimensões da sociedade, num determinado espaço e tempo, de acordo com os enfoques que os constituem nos seus entrelaces.

“Poder” aqui visto por uma classe, totalmente consciente, que reproduz sua cultura, da qual seu estudo está intimamente ligado ao estudo do poder. Na qual um grupo dominante (aqui tratado pelos holandeses) procurará impor seu próprio juízo de valor, suas imposições, das quais, são tomadas como verdades verdadeiras. De uma cultura que é de todas as pessoas. Ideia essa forjada, pois o poder também é expressivo e mantido na reprodução. Muitas das quais invisíveis, já enraizadas no cotidiano.

O poder é expresso e mantido na reprodução da cultura. Isso é bem mais concretizado quando é menos visível, quando as imposições culturais do grupo dominante aparecem simplesmente como senso comum. Isso às vezes é chamado de hegemonia cultural. (COSGROVE, D. 1998, p. 227).

A cidade de Carambeí tem em sua essência o cooperativismo, uma forma de produção característica da cultura holandesa, que foi agregando outras etnias. A Cooperativa Frísia, exerce esse papel econômico, político, social e cultural na relação campo-cidade. De uma produção leiteira, de aves e rações traz do campo para o processamento na cidade, atingindo milhares de pessoas, seja na mão-de-obra (direta e indiretamente) e no consumo. Gerando na e fora de cidade a melhora da economia e do fortalecimento cultural.

Ao pensar nos grupos étnicos em estudo, cada qual produzirá experiências e significados de acordo com o que vivência na cidade, de forma que uma fisionomia represente culturalmente um grupo e para o grupo exterior não traga nenhuma ou pouca lembrança e pertencimento. A cidade pode então ser posta enquanto uma delimitação física, representação, criação, uma fisionomia produzida por diferentes agentes e por ser abarcadora de tais cada cultura se olhará, se identificará de uma maneira, até mesmo com diferentes intensidades de apropriação(ões).

Estudar campo e cidade significa reestruturar a forma de refletir da sociedade em relação ao seu espaço de vida, de trabalho e de relações pessoais e materiais. Pensar tais espaços é conhecer a história de cada lugar, sua essência sentida através das paisagens nos diferentes territórios, compreendendo e vivendo suas relações e evolução ao longo dos tempos. O modo de vida nesses espaços compreende a forma que as famílias se expressam no dia-a-dia. Que seus hábitos sejam reconhecidos e repetidos nas diferentes sociedades, buscando sua reprodução contínua, diante de

tantas dificuldades, introduzidas no contexto da reprodução do capital, principalmente as rurais, na maiorias das vezes, dos espaços urbanos. (ROSAS, 2015, p.124).

Nas últimas décadas do século XX constatou-se o aparecimento de uma nova realidade no campo, rompendo com a sua função inicial de produção de alimentos e de animais, destinase um novo olhar ao campo, à imaterialidade rural. (Re)descobre a sua valorização cultural, construindo um patrimônio.

Verifica-se, de fato, a ocorrência de três tendências que, por motivos parcialmente autônomos, convergem num mesmo sentido: o movimento de renaturalização, centrado na conservação e proteção da natureza, aspectos agora hipervalorizados no âmbito do debate sobre os processos de desenvolvimento sustentável; procura de autenticidade, que leva a encarar a conservação e a proteção dos patrimônios históricos e culturais como vias privilegiadas para valorizar memórias e identidades capazes de enfrentar as tendências uniformizadoras desencadeadas pelos processos de globalização; a mercantilização das paisagens, como resposta à rápida expansão de novas práticas de consumo decorrentes do aumento dos tempos livres, da melhoria do nível de vida de importantes segmentos da população e, como consequência, da valorização das atividades de turismo e lazer. (FERRÃO, 2000, p. 126).

O que está em pauta são as transformações do mundo rural, que desencadeiam para novas formas de relações com o espaço urbano, respaldando nas dimensões campo-cidade. São atividades que mantêm o campo e o rural vivos, revalorizados pelas relações sociais, económicas, políticas e culturais. São paisagens modificadas a partir da presença humana, de acordo com suas intencionalidades e potencialidades. Não obstante, a realidade das sociedades hoje, é centrada nas moradias em áreas urbanas, amplamente dependentes de políticas e ferramentas organizacionais.

A construção de uma nova relação rural-urbano desenvolvida na ótica dos espaços rurais poderá assentar em dois objetivos de âmbito geral: consolidar relações de proximidade mutuamente benéficas e de natureza sinérgica em detrimento de relações assimétricas e predadoras do mundo rural; transformar as cidades em pontes efetivas entre as áreas rurais e o mundo exterior. (FERRÃO, 2000, p. 128).

Esses dois objetivos postos pelo autor demonstram as novas relações entre campo-cidade, mais simples do que rural-urbano, atrelados por enfoques que se fazem úteis e promissores a ambas partes, como por exemplo, nas fazendas de gados leiteiros, que dependem da cidade para a circulação de produtos derivados, para o consumismo, mão-de-obra e serviços

indiretos. É preciso reconhecer então, que ambos possuem funcionalidades diferentes e complementares, são facetas, fragmentos de uma realidade maior, composta de peculiaridades, mas que compõem uma amálgama.

Diante do exposto, a cidade de Carambeí é uma configuração heterogênea, de diferentes contextos, apropriações, usos e poderes do espaço criaram formas específicas. Uma realidade complexa, constituindo territórios múltiplos, ora um elemento em maior evidência que o outro, espaços de vivência em constante movimentação, reapropriações e ressignificações. Espaços esses tomados por diferentes grupos sociais, com práticas culturais distintas, vivendo em um mesmo bairro e/ou cidade. São novas formas de territorialização, que existiam, porém com níveis maiores, de experimentar simultaneamente diferentes territórios. Territórios presentes em nosso corpo, em nossos pensamentos, maneira de viver, hábitos, compreendendo-o como em constante movimento.

A princípio, considera-se território a partir da concepção de Raffestin (1993)

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço. (RAFFESTIN, 1993, p.143).

O território é assim interpretado, onde se produziu uma ação, que por consequência releva poder. Uma construção a partir da realidade do espaço, assegurando a ligação entre as intencionalidades e as realizações. Ainda assim, é preciso se ater a quem desempenha esse papel de poder, criando nos espaços certos controles e autonomia. A partir daí, pode se perceber uma representação restrita, vinculada a apenas uma etnia ou cultura.

Concomitante, Saquet (2005), descreve que o território é produzido a partir do espaço geográfico. “O território é o espaço apropriado por uma determinada relação social que o produz e o mantém a partir de uma forma de poder”. (FERNANDES, 2005, p. 27). Significa que agora o espaço passa a ser compreendido segundo a intencionalidade que o criou e possui elementos composicionais e completivos, um espaço de conflitualidades. O território movimenta e fixa-se sobre o espaço geográfico. Nessa análise o autor complementa

São as relações sociais que transformam o espaço em território e vice e versa, sendo o espaço um a priori e o território um a posteriori. O espaço é perene e o território é intermitente. Da mesma forma que o espaço e o território são fundamentais para a realização das relações sociais, estas produzem continuamente espaços e territórios de formas contraditórias, solidárias e conflitivas. Esses vínculos são indissociáveis. (FERNANDES, 2005, p. 28).

O território como espaço geográfico contém elementos naturais e produzidos por relações sociais. São contínuos e descontínuos, formado por diferentes escalas, envolvendo os países, estados, municípios, assim como bairros, vilas, casas, pensamentos e conhecimentos. O território é portanto material e imaterial, é uma totalidade, portanto multidimensional. Há assim, múltiplas determinações do território, que precisam ser consideradas a partir de seus estudos, isso requer categorias apropriadas para sua compreensão, para melhor gestão do território, categorias sociais, naturais, econômicas, políticas, culturais, históricas e etc.

O conceito de território foi adquirindo formas, possuindo recursos naturais e detentor da história construída pelas sociedades, através de valores, tradições, crenças, hábitos e formas de organização social. É detentor de forças políticas, estruturas de poder e dominação, acumulador de capital e retentor de produções concretas e abstratas e essas ações ocorrem em um espaço socialmente e historicamente construído.

Território é além de substrato, concreto, é abstrato, material e imaterial ao mesmo tempo. É apropriação histórica. É além de formas espaciais, relações, articulações, é produzido ideologicamente. Funda-se em relações e conflitos, em contradições, campos de ações, poder, é totalidade.

As relações historicamente produzidas, como um elemento presente na formação de territórios. As próprias relações são materiais e imateriais, mudam e permanecem no cotidiano, sendo plurais e coexistentes. Essas diferentes atividades cotidianas, presente nas práticas espaciais, construindo malhas e nós, é para Raffestin as territorialidades, efetivadas pela economia, política e cultura, nas quais representam interfaces e representações múltiplas. São espaços apropriadas para produção, circulação e valorização do capital e reprodução da força de trabalho.

As pessoas e relações sociais produzem territórios e territorialidades, em um sistema dinâmico, complexo e contínuo. Apropriado por um determinado grupo que o produz e o mantém a partir de uma forma de poder, por intencionalidades políticas, econômicas e culturais.

Os territórios se movimentam e se fixam sobre o espaço geográfico e no interior constitui o que foi denominado por Haesbaert (2004) de multiterritorialidades.

De acordo com Raffestin (1993) territorialidade “reflete a multidimensionalidade do vivido territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral”. (RAFFESTIN, 1993, p. 158). São práticas vividas individuais ou coletivamente, que transcendem demais territórios, pois toda relação social implica uma relação territorial, a intercessão de territórios que desencadeiam através do espaço vivido a multiterritorialidade.

E nesse contexto, considera-se campo-cidade em Carambeí, uma relação de interdependência, visualizadas em diferentes formas como: espacial, demográfico, sociocultural, económico, histórico que se concretizam cotidianamente, em momentos mais próximos e em momentos dicotômicos. Essa ideia pode ser associada ao conceito de *continuum*, onde práticas acontecem, além do seu limite físico proposto, ou seja, no campo encontramos atividades que antes eram ligadas a cidade, como: indústrias, áreas de lazer, atrativos comerciais através de práticas com a natureza e na cidade encontramos criações de animais, hortas e plantações de subsistência. É a imaterialidade transposta em lugares, que podemos denominar de rural e urbano, representando uma mesma sociedade.

Tem-se o campo e a cidade, cada um com suas especificidades, uma construção social do espaço, dentro de uma mesma lógica de produção, mas com interesses diversos no que tange às singularidades. Esses dois conceitos são frutos de diferentes conteúdos, bases formadas através do modo de vida e das oportunidades. (ROSAS, 2015, p. 131).

Visto assim, campo e cidade são elementos de uma paisagem, reflexos sociais, associados a uma multiplicidade de formas e intensidades. Uma fração dessa paisagem pode ser vista na imagem 1.

Devido a cidade possuir uma tradição na produção de leite, as criações se estendem por todo o período urbano e rural do município, com criações extensivas e intensivas e até mesmo fazendas que dispõem de tecnologias avançadas para o melhor cuidado com as vacas, um exemplo é o uso de músicas que as relaxem, melhorando na qualidade do leite. Essa produção quem gerencia hoje é a marca Frísia, uma cooperativa que resgatou sua forma de produzir, como já explicado anteriormente. Por meio dela, podemos elencar outro elemento na configuração campo-cidade, já que uma parte do seu montante é produzido em fábricas dentro da cidade. Conforme imagem 2.



Imagem 1: Criação de vaca leiteira em perímetro urbano.



Imagem 2: Cooperativa Frísia.

As imagens ilustram formas de representações culturais e econômicas da interface campo-cidade. A produção não é restrita somente ao campo, mas com grande predominância na cidade, no centro administrativo e político. Carambeí pode se dizer que é um caso a parte,

por ter em sua essência a produção de leite, motivo pelo qual encontra-se as vacas leiteiras por toda sua extensão.

Há no campo também as granjas, fontes da matéria-prima da Batavo, mas essa criação não se restringe somente ao município, existem outros locais que comercializam esses animais. É outra maneira de inter-relação, entretanto com um mesmo enfoque, ou seja, a produção tanto no campo como na cidade, agregando dimensões a essa configuração socioespacial.

Fica evidente que ao se tratar da relação campo-cidade em dinâmicas territoriais materiais e imateriais é grande o leque de possibilidades para se destacar. Depende da região e das características em cada espaço e/ou melhor territórios. Cada qual, mantêm entre si condições que favoreçam ambas partes. Com maneiras de produção de valorização ambígua, que fortaleçam o vínculo.

Embora existam diferenças entre os espaços, deve-se considerar que tais espaços existem dialeticamente, produzidos de maneiras diferentes, com dimensões distintas, e sim partes de uma complexidade gerada através da diversidade. Trata aqui de não estudá-los em lados opostos, mas na relação recíproca, nos espaços de vida das sociedades. Pensar esses espaços é conhecer a sua história, os elementos que nortearam suas feições, vistas geograficamente pelas paisagens, compreendendo-os ao longo dos tempos.

O município é reflexo de etnias, de relações sociais e econômicas que se interagem e deixam marcas das mais diferentes possíveis no território. Cabe ressaltar portanto, que o presente estudo não se acaba aqui, pelo contrário, ele é o passo inicial para perguntas e refutações de uma pesquisa em andamento, está incluso a uma temática maior de entendimento do município.

Pode-se fazer uma leitura prévia do município, através dos olhos da Geografia, que tem no espaço sua característica fundante. Os conhecimentos aqui elaborados buscam estar a par desse movimento socioespacial e socioterritorial, fragmentando-o e desfragmentando-o para melhor enfoque e jus a todo o referencial sobre o tema. Por fim, é inegável que a realidade que nos cerca é bem maior e complexa do que podemos diagnosticar, nos cabe uma análise parcial, mas perspicaz e em constante movimento.

Referências Bibliográficas

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4.ed. Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CÔRREA, R.L. ROSENDHAL, Z. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

CHAVES, N. B. **Imigrantes – Immigranten. História da imigração holandesa na região dos Campos Gerais, 1911-2011**. Perspectivas da migração holandesa no Brasil: quatro séculos de patrimônio. TODAPALAVRA, 2010.

FAJARDO, S. Tendências e perspectivas da Geografia Agrária no Paraná: alguns pontos para reflexão. In: ROSAS, C. A. R. da F. **Perspectivas da geografia agrária no Paraná: abordagens e enfoques metodológicos**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015. p. 39-50.

FERNANDES, B.M. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais**: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. Revista Nera, n.6. jan./jun. 2005. p. 14-34.

FERRÃO, J. **Relações entre mundo rural e mundo urbano**: evolução histórica, situação actual e pistas para o futuro. EURE (Santiago- Chile), v.26, n. 78, set.2000. p.123-130.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LEFEBVRE, H. **O direito a cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LOPES, J. C. V. **Fazendas e sítios de Castro e Carambeí**. Curitiba: Torre de Papel, 2004

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Editora Ática S.A. São Paulo. 1993.

ROSAS, C. A. R da F. As interfaces da relação campo-cidade: notas para debate. In: ROSAS, C. A. R. da F. **Perspectivas da geografia agrária no Paraná: abordagens e enfoques metodológicos**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015. p. 119- 138.

SANTOS, M. **Contribuição ao estudo dos centros de cidades: o exemplo da cidade do Salvador**. In: Boletim Paulista de Geografia. Nº8. Julho 1959. p. 17-30.

_____. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SATO, Á. de J. *Et al.* **Formação histórica de Carambeí**: etnias, cultura e território. Carambeí: Prefeitura Municipal de Carambeí, 2008. 170p.

SAQUET, M. A. **A relação espaço-tempo e a apreensão do movimento em estudos territoriais**. In: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. Universidade de São Paulo. 2005. p. 13882- 13894.

WILHEIM, Jorge. **O substantivo e o adjetivo**. Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.